



## **Projetos de Museus de Ciências: um estudo nos periódicos das décadas de 1950 a 1970**

MARIANA MELLO BURLAMAQUI<sup>1</sup>

LUISA MEDEIROS MASSARANI\*\*

ILDEU DE CASTRO MOREIRA\*\*\*

### **Resumo**

Neste artigo, analisamos a cobertura jornalística sobre as propostas de criação de museus de ciências, nas décadas de 1950 a 1970, publicados em diversos periódicos brasileiros. Tal pesquisa teve por base a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>), o acervo digital da *Folha de São Paulo* (<http://acervo.folha.com.br/>) e o do jornal *O Globo* (<http://acervo.oglobo.globo.com/>). As iniciativas analisadas expressam o nível de envolvimento de diversas instituições e cientistas, no período em questão, bem como a preocupação existente, em determinados setores do meio acadêmico e científico, com a educação científica e com a divulgação científica para a população em geral. No entanto, estas propostas de museus de ciência não se traduziram em instituições concretas naquele período, por razões que tentaremos apontar, embora tenham influenciado o surgimento dos primeiros museus de ciência interativos na década seguinte.

**Palavras-chave:** História das ciências; divulgação científica; história da divulgação científica; museus de ciências.

### **Introdução**

Estudos históricos sobre a divulgação científica no Brasil mostram que esta apresentou, ao longo do tempo, diversas fases que tiveram finalidades e características

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); CAPES.

\*\* Pesquisadora do Museu da Vida e do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.

\*\*\* Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/UFRJ e do Instituto de Física/UFRJ.



distintas e que refletiam o contexto e os interesses da época, como ocorreu em outros países<sup>2</sup>. Na segunda metade do século XIX, houve um crescimento acentuado nas atividades de divulgação científica em todo o mundo e esta onda atingiu, ainda que em menor escala, o Brasil, embora poucas instituições desenvolvessem aqui algum tipo de pesquisa científica. Os principais divulgadores da ciência do período estavam ligados à ciência por sua prática profissional como professores, engenheiros, naturalistas ou médicos. Nessa época, surgiu no público ilustrado um interesse grande por temas ligados às ciências e seus usos práticos, e a divulgação científica destacava as aplicações das ciências às artes industriais.

Nesse período, os raros museus existentes tratavam da história natural, como o Museu Real (depois Museu Nacional) do Rio de Janeiro, que havia sido fundado em 1818 com a finalidade de propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais. O Museu Nacional desenvolveu atividades de divulgação científica mais amplas com a criação dos Cursos Públicos do Museu, entre 1876 e 1886, que foram ministrados por pesquisadores das diferentes seções do Museu, como botânica, agricultura, zoologia, mineralogia, geologia e antropologia. No entanto, permaneceram localizados, em especial no Rio de Janeiro e em Belém, no Museu Paraense, as atividades de museus voltadas para um público mais amplo.

No início do século XX, iniciaram-se no Brasil, ainda que de forma muito localizada, pesquisas científicas mais sistemáticas, particularmente nos institutos ligados à medicina e saúde pública, como o Instituto de Manguinhos e o Instituto Butantã. Em torno dos anos 1920 em diante, ocorreu um crescimento expressivo das atividades de divulgação científica, particularmente no Rio de Janeiro. Tal movimento teve início com um grupo articulado de profissionais, muitos dos quais pertencentes à Sociedade Brasileira de Ciências (depois Academia Brasileira de Ciências), fundada em 1916, ou à Associação Brasileira de Educação, criada em 1924. Esse grupo de professores, cientistas, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais, ligados às principais instituições científicas e educacionais do Rio de Janeiro tinham como estratégia a valorização da ciência ‘pura’ e a difusão mais ampla da ciência.<sup>3</sup>

Entre eles, Edgard Roquette-Pinto merece especial destaque pelo seu trabalho intenso para a divulgação da cultura e da ciência por meio do rádio e, posteriormente, pelo cinema educativo. Na década de 1920, ele criou no Museu Nacional o chamado “Quadros Didáticos

---

<sup>2</sup> Massarani L, Moreira I. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: Massarani, L., Moreira, I. C. & Brito, F. (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, p. 43-64.

<sup>3</sup> Idem.



de História Natural”, que resumiam tópicos para aulas em escolas e passou a incentivá-las a montarem seus próprios gabinetes de história natural. Como diretor do Museu, a partir de 1926, ampliou a ação educativa da instituição, que ele via como instrumento fundamental para apoio ao sistema educacional, em particular para o ensino dos métodos da ciência às novas gerações<sup>4</sup>. Francisco Venâncio Filho afirmou, em um depoimento, que Roquette-Pinto já imaginava, nesta época e junto com outros companheiros, a construção de museus mais dinâmicos e interativos, uma iniciativa que só viria a se concretizar no Brasil cerca de cinquenta anos depois.<sup>5</sup> As propostas mais consistentes sobre a criação de tais museus de ciências só viriam a surgir com mais intensidade, nas décadas de 1950 a 1970.

Um ponto de partida relevante para nosso trabalho, no período considerado, é a tese da historiadora Maria Esther Valente, “Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950 – 1970”, de 2008. Ela procurou analisar como ocorreu, neste período, o processo de enraizamento dos projetos de museus de ciências, que viriam a se solidificar nas décadas seguintes. De acordo com Valente, nas últimas décadas do século XX, ocorreu uma grande disseminação de museus de ciências em todo o mundo, inclusive no Brasil. A partir de 1980, houve uma onda que favoreceu em particular a criação de museus de ciências, denominados “interativos”, em muitos países, especialmente na Europa e nos EUA. Nesta mesma década, a UNESCO assumiu um compromisso internacional e procurou disseminar o projeto “Ciência para todos” destinado a aprimorar a educação científica. Valente analisou diversos documentos relativos às principais iniciativas de museus de ciências no Brasil no período imediatamente anterior, entre as décadas de 1950 e 1970.

Neste trabalho, abarcando fontes e aspectos não considerados por Valente, buscamos investigar como eram abordadas e difundidas as novas propostas de museus na mídia nacional, com o intuito de avaliar também a repercussão de tais iniciativas na sociedade. Nas matérias jornalísticas, é possível discernir as motivações subjacentes para os projetos de museus de ciências, seus principais proponentes, que áreas das ciências abarcariam, além de informações sobre o que os museus teriam de novidades, como experimentos interativos, planetários, aquários etc. É clara a influência dos museus de ciências da Europa e dos EUA nestas propostas, em especial do Palais de la Découverte e do Museu de Ciências de Chicago.

---

<sup>4</sup> Moreira I, Massarani L, Aranha J. 2008. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: Nísia Trindade Lima; Dominichi Miranda de Sá. (Org.). *Antropologia brasileira - Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e Editora Fiocruz.

<sup>5</sup> Mencionado em Alberto Venâncio Filho, *Francisco Venâncio Filho: Um educador brasileiro 1894-1994*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.



Cite-se como exemplo o acordo firmado, em 1956, entre o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e a Prefeitura do Rio de Janeiro, para o estabelecimento de um museu que seguiria os moldes de instituições similares existentes em Londres e Chicago. Cientistas importantes e influentes, como Carlos Chagas Filho, também se mobilizaram junto às autoridades para a criação de tais espaços científico-culturais (*Jornal do Commercio*, 14/06/1961).

### **As publicações na mídia brasileira sobre as propostas de Museus de Ciências**

Nesta pesquisa, buscamos selecionar e apresentar reportagens publicadas em jornais do país, sobre as propostas de criação de museus de ciências no Brasil, no período selecionado. Nossas fontes foram a Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>), o acervo digital da Folha de São Paulo (<http://acervo.folha.com.br/>) e o acervo digital do Jornal O Globo (<http://acervo.oglobo.globo.com/>). Com isso, analisamos os seguintes jornais: *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Diário do Paraná*, *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Folha de São Paulo*, *Imprensa Popular*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Maranhão*, *O Observador Econômico e Financeiro*, *O Globo*, *Diário da Tarde*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*. Muitos dos museus mencionados nas matérias de jornais não se concretizaram. No entanto, chama a atenção o fato de que as décadas de 1950 a 1970 foram um período de efervescência dessas propostas e, dentro deste contexto, analisamos neste artigo como foi a repercussão de tais propostas na mídia impressa.

Na busca realizada por nós nos acervos digitais, via internet, utilizamos a frase exata “museu de ciência”, que abrangia também o plural, no período de 01 de janeiro de 1950 a 31 de dezembro de 1979. Na *Folha de São Paulo* foram localizadas 4802 páginas, no jornal *O Globo* foram localizadas 134 páginas, na *Hemeroteca* foram 481 ocorrências. Esse alto número de páginas ou ocorrências encontradas não correspondem ao número de matérias encontradas sobre nossa pesquisa, muitas das matérias eram sobre museus de ciências em outros países do mundo.

No ano de 1969, quatro matérias<sup>6</sup> falavam da necessidade imediata de criação de museus de ciências e tecnologia nas áreas mais populosas do país. O objetivo exposto seria o

---

<sup>6</sup> *O Globo*, 03 de novembro de 1969, p27; *O Globo*, 03 de dezembro de 1969, p14; *O Globo*, 12 de dezembro de 1969, p06; *Correio da Manhã*, 06 de novembro de 1969, p7.

de atender aos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, pois já se discutia que era preciso realizar uma reforma no ensino, e a criação desses museus seria parte dessa reforma. De acordo com o professor Alberto Mesquita de Camargo, representante do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação a justificativa para a criação desses museus de ciências seria a necessidade da educação não se restringir à sala de aula, pois os estudantes brasileiros deveriam ter museus de ciências a sua disposição, tal como já ocorria nos EUA e na Europa. Carvalho acreditava que estes museus seriam um excelente estímulo para se conseguir uma mentalidade técnica e científica nos jovens brasileiros.

Essa proposta foi aprovada por unanimidade pelo Grupo de Trabalho e previa a criação de museus de ciências pelo Governo Federal em colaboração com os estados e municípios. O assunto também foi debatido pelo Grupo de Trabalho da Reforma do Ensino Primário e Médio e incorporado no texto das disposições transitórias do projeto de lei geral, que seria encaminhado ao ministro da época Jarbas Passarinho quando o trabalho fosse aprovado.

As matérias comentadas acima se referiam a projetos nas áreas mais populosas do país, sem especificar nenhuma cidade ou estado. A seguir consideraremos as matérias encontradas sobre projetos de museus de ciências em sete diferentes cidades e estados do Brasil: Rio de Janeiro (111), São Paulo (35), Salvador (11), Brasília (5), Ceará (1), Minas Gerais (1).

A única referência que tivemos sobre museus de ciências no Ceará foi no ano de 1972 e referia-se a construção de um museu de ciência e tecnologia por iniciativa do governo estadual, em parceria com a Universidade Federal e a Prefeitura de Fortaleza. O então governador César Cals disse que o museu cumpriria importante papel no processo de formação dos estudantes.<sup>7</sup>

Outra matéria com apenas uma referência encontrada foi sobre o estado de Minas Gerais. Segundo o diretor do Conselho Internacional de Museus (órgão da UNESCO) Hugues de Varine Bohan, que estudou a situação dos museus da região, Belo Horizonte seria a cidade ideal para a instalação de um Museu de Ciências e nesse museu deveriam predominar seções de gemologia (pedras preciosas) e geologia.<sup>8</sup>

Sobre museus de ciências em Brasília tivemos apenas cinco referências, três delas tinham relação com o projeto de criação de Darcy Ribeiro para a Universidade de Brasília,

---

<sup>7</sup> Correio da Manhã, 24 de maio de 1972, p3.

<sup>8</sup> *O Globo*, 23 de fevereiro de 1967, p21.



inaugurada em 21 de abril de 1962<sup>9</sup> e duas matérias relacionadas a criação de um Parque Zoobotânico. A matéria divulgava um projeto de uma Universidade integrada e o museu de ciências seria uma das instalações e podia ser visto no organograma da UNB publicado no Jornal do Brasil em 24 de maio de 1961 e no Diário de Notícias em 06 de novembro de 1960. Nas matérias sobre o Parque Zoobotânico, cuja ideia seria um parque com áreas representativas da fauna e da flora de cada continente e de cada região brasileira, o que se falou sobre museus de ciências foi a criação de um museu de ciências naturais inserido nesse parque.

Entre os anos de 1977 a 1979 foram encontradas onze matérias no Jornal do Brasil sobre a criação de um museu de ciências em Salvador, na Bahia. Dentro de um programa de ação prioritária da Região Metropolitana de Salvador, a matéria no Jornal do Brasil<sup>10</sup> nos mostra a ideia do projeto de criação de um Parque Metropolitano de Pituvaçu<sup>11</sup> e que incluiria um Museu de Ciências. Outra manchete sobre o Parque de Pituvaçu é que não teriam remoções e preservação ecológica, proteção ambiental e recreação eram prioridades na criação do Parque, que teria sua localização no centro funcional metropolitano, podendo servir toda a região. Uma Zona de Extensão Cultural seria criada e incluiria um museu de ciências e tecnologia, um planetário e uma biblioteca.<sup>12</sup>

Em 1978, foram publicadas dois avisos do Governo do Estado da Bahia referentes a tomadas de preços para montagem de exposições.<sup>13</sup> No mesmo ano, a criação do Museu de Ciências foi defendida pelo diretor-geral do Museu de Ciências de Londres, Walter Winston, que teria afirmado que o padrão de vida de qualquer país é proporcional ao grau de aplicação da ciência na indústria, na saúde, etc. A inauguração do museu custou, de acordo com o jornal, Cr\$ 80 milhões e foi realmente inaugurado em 1979. Winston foi um dos curadores do museu de Salvador e acreditava que o sucesso da instituição dependia da quantidade de modelos animados para os jovens poderem “associar a palavra ciência a uma experiência agradável, você os conquistou para a ciência.”<sup>14</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.unb.br/unb/historia/resumo.php>> Acesso em: 14 de agosto de 2015.

<sup>10</sup> Jornal do Brasil, 30 de setembro de 1977, p25.

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre o Parque Metropolitano de Pituvaçu, ver <http://www.posgeo.ufba.br/disserta%C3%A7oes/DissertacaoFabiola.pdf>

<sup>12</sup> Jornal do Brasil, 30 de setembro de 1977, p31.

<sup>13</sup> Jornal do Brasil, 10 de junho de 1978, p8 e Jornal do Brasil, 11 de junho de 1978, p32.

<sup>14</sup> Jornal do Brasil, 28 de dezembro de 1978, p33.

Outra matéria ainda em 1978 mostra uma imagem das construções do Museu de Ciências e afirma que o espaço ainda funcionaria como Centro de Pesquisas.<sup>15</sup> E a sua finalidade seria a de despertar vocações para carreiras técnicas, para que no futuro não haja carência de pessoal na indústria. As outras três matérias publicadas em 1979 nos apresentam o tão aguardado Museu de Ciências e Tecnologia.

No caso de São Paulo, ocorreu o segundo número de matérias encontradas na mídia sobre projetos de museus de ciências, trinta e cinco no total. A partir de 1953, algumas matérias falavam da campanha da *Folha da Noite* em prol da criação de um Museu de Ciências em São Paulo e propagavam: “Que transformem a ideia em realidade os que têm poder para tanto. Afinal, se é verdade que nem só de pão vive o homem, também é verdade que não vive só de pão e circo”.<sup>16</sup>

A Folha afirmava que com idealismo e boa vontade poderia se inaugurar o Museu de Ciências, pois a questão financeira não seria primordial, podendo muitos dos aparelhos serem confeccionados e doados pelas universidades ou escolas técnicas. Aristóteles Orsini, catedrático de física da USP, reafirmou “a importância do museu, tanto do ponto de vista social como sob o ponto de vista cultural” e salientou que “seria supérfluo repetir que as grandes cidades europeias e norte-americanas possuem seus museus de ciência; que o nosso viria preencher uma lacuna no ensino das ciências experimentais.”<sup>17</sup>

De acordo com Orsini, o prefeito teria enviado à Câmara Municipal o projeto visando à criação do museu e que com “um pouco mais de boa vontade” esse projeto poderia ser transformado em lei. Orsini fez parte de uma comissão com a finalidade de “apresentar sugestões, acompanhar a construção dos edifícios e a instalação do planetário”<sup>18</sup>.

Dentro das comemorações do IV Centenário de São Paulo, o museu de ciências era visto como parte fundamental das inovações propostas no período. Uma das manchetes no ano de 1954 já até confirmava a criação, “São Paulo terá em 1955 seu primeiro Museu de Ciência” e afirmava que ele seria instalado no Parque do Ibirapuera, local escolhido para as comemorações do IV Centenário.<sup>19</sup> “Com essas e outras iniciativas semelhantes que viriam a ser postas em prática, no Parque Ibirapuera, São Paulo teria um Museu de Ciência condizente

<sup>15</sup> Jornal do Brasil, 30 de dezembro de 1978, p18 e 19.

<sup>16</sup> Folha da Manhã, 25 de janeiro de 1953, p10.

<sup>17</sup> Folha da Manhã, 06 de fevereiro de 1953, p2.

<sup>18</sup> Folha da Manhã, 25 de janeiro de 1953, p10.

<sup>19</sup> Folha da Noite, 07 de março de 1954, p3.

com o seu elevado grau de cultura.”<sup>20</sup> Essa afirmativa da necessidade de um museu de ciências no país e, principalmente, nas grandes cidades era algo constante nas publicações dos jornais em questão.

Outra questão presente nas matérias era que, além da criação do museu de ciências, ressaltava-se a instalação de um planetário no mesmo local. Em uma reportagem de aproximadamente uma página, o título “Teremos, afinal, um planetário?” chama a atenção para essa questão. Com fotos de planetários de países europeus e dos Estados Unidos, que ocupavam a maior parte da página.<sup>21</sup>

Ao presidente da Comissão do IV Centenário Francisco Matarazzo Sobrinho, ressaltava-se nas matérias a importância desse nome para a cultura paulista e do Brasil, pois dentre seus feitos estaria a criação do futuro Museu de Ciências que estava sendo construído “a passos largos”. De acordo com a *Folha da Manhã*, o museu recebeu importantes doativos que eram vistos como úteis para a sua própria organização. De acordo com o jornal, dentre os doadores podemos destacar a Light, que cedeu toda a parte de sua propriedade exposta no Pavilhão Verde da Exposição do Quarto Centenário, além de outros aparelhos de diversas empresas como a Techint, a Sul Americana de Eletrificação, a Magg, Antonino Zingales, Companhia Técnica Internacional, dentre outras. A American Machine and Foundry, de Nova Iorque, cedeu parte da exposição “Átomos para o bem da sociedade”. A Companhia Siderúrgica Nacional cedeu o pavilhão construído no Ibirapuera, local previsto para a inauguração provisória do Museu de Ciências. Outra contribuição foi do governo inglês, que autorizou a entrega de oito aeromodelos e painéis.<sup>22</sup> Em 1955, duas doações de terrenos foram feitas para o Museu de Ciências de São Paulo, o Pavilhão que seria do governo de Minas Gerais e outra foi o Pavilhão da CNS no Ibirapuera.<sup>23</sup>

O projeto difundido nos jornais divulgava a importância de se ter um Museu de Ciências, pois “daria ao público ideia dos progressos da ciência e suas aplicações, sem desprezar o conhecimento básico em que tais progressos assentam”.<sup>24</sup> Falava-se na preocupação em despertar o interesse dos jovens e ensinar o método científico, reafirmava-se o ideal de que com o museu o visitante poderia ter uma visão ampla e clara dos principais

---

<sup>20</sup> Diário da Tarde, 06 de fevereiro de 1954.

<sup>21</sup> Folha da Manhã, 21 de fevereiro de 1954, p05

<sup>22</sup> Folha da Manhã, 16 de maio de 1954, p14 e O Observador Econômico e Financeiro, junho de 1954, p59.

<sup>23</sup> Correio da Manhã, 13 de março de 1955, p14; Correio da Manhã, 02 de julho de 1955, p14.

<sup>24</sup> Folha da Manhã, 26 de junho de 1955, p58.



fatos da ciência e de sua repercussão na sociedade.<sup>25</sup> Apesar de todos esses pontos positivos, a demora para o funcionamento do Museu de Ciências de São Paulo era uma preocupação e constantemente era reclamado isso nos jornais pesquisados.<sup>26</sup>

Na XX Reunião Anual da SBPC, no ano de 1968, um documento com sugestões para reduzir a distância entre o Brasil e os países desenvolvidos foi produzido e entregue ao Marechal Costa e Silva. Após essa reunião, a diretoria da SBPC foi recebida em audiência pelo prefeito Faria Lima com o fim de tratar da sede própria da entidade e do Museu de Ciência de São Paulo, que novamente se ressaltava ser nos moldes do Museu de Nova Iorque. De acordo com as conversações preliminares, o Museu seria mantido pela Prefeitura, em edifício onde funcionariam a SBPC e os congressos científicos.<sup>27</sup>

Em 1970, uma reportagem de uma página na *Folha de São Paulo* sobre uma reunião do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, destacou o anúncio dos projetos do Grupo Executivo de Planejamento (GEP) da própria Prefeitura que tinham o objetivo de modificar a cidade. Dentre os projetos, encontrava-se o de criação do Museu de Ciência e Tecnologia, “com ele a cidade guardará tudo aquilo que usou para se desenvolver, para progredir”.<sup>28</sup> E seria uma fonte importante para mostrar às crianças como a cidade evoluiu e pode evoluir ainda.

Finalmente, em 1978, foi publicada uma matéria sobre a inauguração do Museu de Ciências de São Paulo que, de acordo com o jornal, vinha sendo planejada desde 1955. Note-se que, em nossa pesquisa, percebemos que a ideia de a cidade ter um Museu de Ciências data de 1953, quando ocorre a primeira publicação sobre isto. Nesta matéria foram listadas as finalidades do Museu de Ciências que seriam: fazer divulgação de conhecimentos científicos; completar o ensino de ciências das escolas; despertar a curiosidade pela ciência e pesquisa; servir de inspiração aos professores e de escola aos que não tiveram essa oportunidade. A comissão que planejou esse museu foi coordenada pelo professor José Elis Ripper Filho e tinha como diretor interino o professor Egon Hennies.<sup>29</sup> O primeiro museu de ciências na cidade de São Paulo, com características interativas, seria o Estação Ciência, inaugurado pelo CNPq em 1987.

O Rio de Janeiro foi onde encontramos o maior número de referências a criação de um museu de ciências na cidade, totalizando 111 matérias publicadas. O projeto de criação de um

<sup>25</sup> Folha da Manhã, 04 de novembro de 1956, p07.

<sup>26</sup> Folha da Manhã, 04 de novembro de 1956, p07.

<sup>27</sup> Folha de São Paulo, 13 de julho de 1968, p07.

<sup>28</sup> Folha de São Paulo, 25 de outubro de 1970, p12.

<sup>29</sup> Folha de São Paulo, 14 de junho de 1978, p16.



Museu de Ciências na cidade do Rio de Janeiro tinha como parceiros a Prefeitura do Rio de Janeiro e o próprio CBPF. A sede do museu seria construída próxima ao Aeroporto Santos Dumont, tendo sido informado que a prefeitura teria doado um terreno de 51 mil metros quadrados no Aterro da Glória.<sup>30</sup>

Em 1956, o Museu já teria um crédito de 10 milhões de cruzeiros para começar as instalações, como compra de materiais e móveis.<sup>31</sup> A ideia desse museu foi atribuída a João Alberto e Cesar Lattes e o museu seria único na América Latina, cuja intenção seria de contribuir com o turismo na região. Para que o museu pudesse ser criado, era necessário que a comissão apresentasse um projeto de convênio a ser firmado entre o CBPF e a Prefeitura.<sup>32</sup>

Como nas outras matérias dos diversos projetos de museus de ciências no país, a intenção de despertar nos jovens o espírito científico era premissa. Para isso, o museu contaria com uma biblioteca, sala de projeção, posto médico, auditório, cursos, um planetário e um aquário natural. Já teriam até organizado os setores do museu, dentre estes, o setor de matemática, física, química, biologia, botânica e zoologia. Tinha-se a intenção de expor nele as realizações mais importantes da vida nacional, como as da indústria petrolífera, siderurgia, hidrelétricas e energia atômica. Havia ainda o interesse em estabelecer uma estreita colaboração com colégios, escolas e universidades para que fosse facilitada a divulgação de assuntos relativos às ciências. Seriam distribuídos folhetos educativos, que eram chamados de 'revista da ciência'.<sup>33</sup>

Em 1958, afirmava-se que o anteprojeto do museu de ciências, idealizado pelo então ministro João Alberto, que deveria comportar todos os ramos aplicados da ciência e tecnologia àquela época teria recebido como doação um terreno que ficava entre o Museu de Arte Moderna, o aeroporto e o Aterro de Santa Luzia e que se esperava-se a execução do projeto por parte das autoridades responsáveis.<sup>34</sup> A parceria entre a Prefeitura e o CBPF para a criação do Museu de Ciências retornou em uma nota publicada no jornal *O Observador Econômico e Financeiro*, com a informação que o museu seria instalado nas mesmas condições de museus de ciências de Londres e Chicago.<sup>35</sup> Outra doação foi publicada, agora

---

<sup>30</sup> Última Hora, 05 de novembro de 1956.

<sup>31</sup> Folha da Manhã, 08 de fevereiro de 1956, p8.

<sup>32</sup> Última Hora, 19 de maio de 1956, p24.

<sup>33</sup> Última Hora, 05 de novembro de 1956.

<sup>34</sup> O Globo, 23 de setembro de 1958, p5.

<sup>35</sup> O Observador Econômico e Financeiro, novembro de 1956, p69.

em 1961, pelo então governador Carlos Lacerda, que havia prometido a doação de um terreno na Avenida Presidente Vargas para a construção do Museu de Ciências.<sup>36</sup>

O Palais de la Découverte, em Paris, serviu de modelo para Carlos Chagas Filho, que atuou na UNESCO, em Paris, no início da década de 1950, para fazer uma proposta junto a autoridades do Rio de Janeiro em várias ocasiões. Na década de 1950, iniciou negociações com o reitor da UFRJ, Pedro Calmon, para a criação de um museu de ciências da Universidade. O Jornal do Commercio de 14 de maio de 1961 noticiou, em matéria que trazia a foto de Carlos Chagas Filho, a sua proposta de um museu interativo de ciências, o Palácio das Ciências, nos moldes do Museu de Chicago, que conhecera em 1946, e do Palais de la Découverte. O projeto tinha como objetivo “difundir o conhecimento científico ao público, além de suplementar o ensino secundário dando aos estudantes ideias básicas no que concerne principalmente à demonstração prática”. O museu pretendia “apresentar assuntos de física, genética, energia nuclear, patologia tropical e alguns aspectos do petróleo” e contaria com o apoio da CNEN, CBPF, Instituto Oswaldo Cruz e da Universidade do Brasil.<sup>37</sup>

Uma das maiores matérias sobre o assunto saiu em *O Globo*, no dia 11 de agosto de 1961, com o título “O Futuro Museu de Ciência do Rio de Janeiro”. Segundo a reportagem, “em virtudes de desinteligências surgidas no seio do Conselho Técnico-Científico do Centro (CBPF), não pôde a sua diretoria tomar nenhuma providência para o cumprimento das cláusulas do Convênio.”<sup>38</sup> De acordo com o jornal, foi então apresentado o projeto à Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, pela deputada Ligia Lessa Bastos, no qual o Estado faria convênio com o CBPF para a criação de um Museu de Ciência no Rio de Janeiro, “como instituição técnico-científica destinada a exposições e demonstrações de natureza educativa no domínio das ciências físicas e suas aplicações às artes e técnicas modernas.”<sup>39</sup>

Novamente, os museus da Europa e Estados Unidos são citados como exemplos a serem seguidos. Nesse caso, foi recomendada a classificação de Museu de Ciência, pois afirmava o jornal que a cidade do Rio de Janeiro necessitava de um Museu de Ciência com organização e finalidades educativas idênticas às desses museus. O projeto do CBPF com parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro não se efetivou, apesar de supostamente já ter local e verba para isso. De acordo com Valente (2008), o que ocorreu foram desacordos e

<sup>36</sup> O Globo, 17 de janeiro de 1961, p6.

<sup>37</sup> Jornal do Commercio, 14 de maio de 1961, p1.

<sup>38</sup> *O Globo*, 11 de dezembro de 1961, p21.

<sup>39</sup> Idem.

tensões entre setores e atores diferentes, a autora identifica os diversos jogos políticos como parte dessas desavenças.<sup>40</sup>

Segundo Valente (2008), o “Projeto Lei nº 49 de 1961, para criação do Museu de Ciência do Rio de Janeiro, de autoria da deputada Lygia Lessa Bastos, foi discutido em sessão da Assembleia Legislativa em julho de 1962 e aprovado com a Lei nº 159 de 1º de agosto de 1962”<sup>41</sup>. Ficando subordinado à Universidade do Estado da Guanabara o Museu de Ciência do Rio de Janeiro, este novo órgão não seria mais o Palácio, mas sim o Museu. Além disso, o CBPF é desvinculado do convênio que tinha com a Prefeitura, datado de 29 de outubro de 1956.

Em 02 de agosto de 1962, em uma matéria curta no mesmo jornal, afirmou-se que o governador sancionou o projeto de criação, mas dois artigos que previam recursos para o funcionamento do museu foram vetados. Foi ainda citado no texto que, dias antes, o governador nomeara uma Comissão de Trabalho para apresentar um plano de organização do Palácio das Ciências e da Tecnologia, sob a direção de Carlos Chagas Filho. A proposta acolhida favoravelmente pelo governador Carlos Lacerda não prosperou. Na década de 1970, Carlos Chagas Filho insistiria, novamente, sem êxito, na proposta de instalação de um museu de ciência no campus da UFRJ. O atual Planetário do Rio de Janeiro seria inaugurado em 19 de novembro de 1970, pela Secretaria de C&T do Estado, momento em que se voltou a falar da criação de um Palácio de Ciência e Tecnologia. Mas o primeiro museu interativo do Rio de Janeiro, o Espaço Ciência Viva, seria criado apenas em 1982.

### **Considerações Finais**

Como dito anteriormente, o levantamento da documentação, aqui realizado, reafirma que as décadas de 1950 a 1970 constituíram um período de efervescência de propostas de criação de museus de ciências interativos no Brasil. Analisamos, ainda, a repercussão desses projetos na mídia nacional. Nas matérias dos jornais a divulgação sobre eles era bastante positiva, buscando mostrar a importância dos museus de ciência para a educação e o desenvolvimento do país. A ideia era tentar atrair os olhares da população e dos governos para esses projetos. Tentava-se mostrar como tais espaços seriam interessantes, em particular pelo

---

<sup>40</sup> VALENTE, Maria Esther Alvarez. *Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra - IG/UNICAMP, Campinas, 2008, p152.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p157.



uso de outros instrumentos que seriam utilizados junto com exposições: experimentos interativos, planetários e aquários.

Uma prática constante ao longo das matérias pesquisadas foi a comparação com os museus de ciências já existentes na Europa e nos EUA, com destaque para o Palais de la Découverte e o Museu de Ciências de Chicago. Os países desenvolvidos eram vistos como exemplos que o Brasil deveria seguir em várias áreas; neste caso específico, uma forma de valorizar a criação de museus locais era imitar tais países detentores do progresso científico.

Além disso, as matérias buscavam mostrar que a criação desses museus não seria tão difícil, bastando vontade política, pois em muitos casos já existiriam locais e prédios, além de doações que facilitariam o processo de criação. Percebemos, no entanto, que, apesar de algumas propostas quase terem se tornado realidade - já que, em certos casos, estiveram disponíveis terrenos e recursos financeiros - a complexidade dos interesses políticos e econômicos, bem como a falta de visão mais ampla de muitos governantes, não contribuiu e mesmo impossibilitou a criação de tais instituições naquele período.

Apesar do fato de tais museus não terem sido criados na época, o período analisado foi importante para se pensar alternativas, discutir em caráter inicial a estrutura destes espaços e ampliar a divulgação sobre sua importância para o país. Embora pouco propício, o terreno foi sendo preparado lentamente para que projetos futuros pudessem ser realizados nas décadas seguintes, em ambientes e contextos mais favoráveis.

## Referências Bibliográficas

MASSARANI L, Moreira I. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: Massarani, L., Moreira, I. C. & Brito, F. (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, p. 43-64.

MOREIRA I, Massarani L, Aranha J. 2008. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: Nísia Trindade Lima; Dominichi Miranda de Sá. (Org.). *Antropologia brasileira - Ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e Editora Fiocruz.

FILHO, Alberto Venâncio. *Francisco Venâncio Filho: Um educador brasileiro 1894-1994*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

VALENTE, Maria Esther Alvarez. *Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra - IG/UNICAMP, Campinas, 2008.



## Arquivos

Hemeroteca Digital brasileira da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>)

Folha de São Paulo (<http://acervo.folha.com.br/>)

Jornal O Globo (<http://acervo.oglobo.globo.com/>)